

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação” do *Diário de Notícias* (1933)¹

*Jussara Santos PIMENTA*²

Resumo

À frente da “Página de Educação” do *Diário de Notícias*, Cecília Meireles, apesar de resistir e permanecer fiel às concepções educacionais e aos compromissos assumidos no “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, do qual foi uma das signatárias e uma das suas mais ardorosas defensoras, enfrentou divergências político-ideológicas que resultaram no seu afastamento, em janeiro de 1933. O presente estudo tem como objetivo compreender como foi estruturada a fase posterior à sua saída, ainda não contemplada nos estudos historiográficos da educação brasileira; procura, também, identificar de que forma e em que medida os novos dirigentes mantiveram a proposta anterior e/ou procuraram legitimar e difundir as suas próprias concepções educacionais. Foi possível identificar, no período investigado, mais diferenças que semelhanças e um decréscimo na amplitude dos temas abordados.

Palavras-chave: “Página de Educação”. *Diário de Notícias*. Segunda fase. Cecília Meireles.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ): Processo E-26/202.359/2021 – PROGRAMA Pós-Doutorado Sênior (PDS – 2021), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vigência: 01/10/2021 a 30/09/2022.

² Doutora e pós-doutora em Educação (ProPED-UERJ). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória (MNEMOS). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5283-2509>. *E-mail:* jussara.pimenta@unir.br

“Under the most dangerous skies”: the second phase of “Página de Educação” in the *Diário de Notícias* (1933)

Jussara Santos PIMENTA

Abstract

At the head of the “Página de Educação” in the *Diário de Notícias*, Cecília Meireles, despite resisting and remaining faithful to the educational conceptions and ideals of the “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, of which she was one of the signatories and one of the most enthusiastic defenders, faced political-ideological opposition that resulted in her removal in January of 1933. The present study aims to understand how the phase following her departure, not yet contemplated in historiographical studies of Brazilian education, was structured. It aims to identify how and to what extent the new leaders maintained the previous proposal and/or sought to legitimize and disseminate their own educational concepts. It was possible to recognize, in the investigated period, more differences than similarities and a decrease in the amplitude of the topics covered.

Keywords: “Página de Educação”. *Diário de Notícias*. Second phase. Cecília Meireles.

Bajo los cielos más peligrosos: la segunda fase de la “Página de Educação” del *Diário de Notícias* (1933)

Jussara Santos PIMENTA

Resumen

Al frente de la “Página de Educação” del *Diário de Notícias*, Cecília Meireles, a pesar de resistir y mantenerse fiel a las concepciones educativas y a los compromisos asumidos en relación al grupo del “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” del que fue una de las firmantes y una de sus más ardientes defensoras, enfrentó diferencias político-ideológicas que resultaron en su destitución en enero de 1933. El presente estudio tiene como objetivo comprender cómo se estructuró la etapa posterior a su partida, aún no contemplada en los estudios historiográficos de educación brasileña. Se busca identificar cómo y en qué medida los nuevos líderes mantuvieron la propuesta anterior y/o buscaron legitimar y difundir sus propias concepciones educativas. Fue posible identificar más diferencias que similitudes y una disminución en la amplitud de los temas tratados en el período investigado.

Palabras clave: “Página de Educação”. *Diário de Notícias*. Segunda fase. Cecília Meireles.

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

Preâmbulo

Criada em 12 de junho de 1930, a “Página de Educação” circulou no primeiro número do jornal carioca *Diário de Notícias* (1930-1974), dos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel, e foi dirigida por Cecília Meireles, que permaneceu até 12 de janeiro de 1933. Após sua saída, a página continuou a ser publicada, tendo à frente outros articulistas, até ser encerrada, em outubro do mesmo ano. As pesquisas que se debruçam sobre a singularidade e a configuração desse veículo de divulgação educacional têm se detido no cotejamento de dados referentes, sobretudo, aos anos iniciais, obviamente por investigarem a atuação de Meireles, quer como dirigente e mediadora, quer como criadora/escritora de centenas de crônicas sobre educação. Isso dá margem para se presumir que o veículo foi encerrado após a sua saída. Utilizando as palavras-chave “Página de Educação” e “Crônicas de Educação”, foi possível identificar teses e dissertações por meio de levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes,³ entre as quais destacamos as de Strang (2003), Silva (2008a), Silva (2008b e 2015c), Souza (2013a), Roberto (2013), Nascimento (2013), Almeida (2014) e Souza (2014b), que pesquisaram as fontes relativas a essa etapa da publicação.

As Crônicas de Educação foram analisadas por Strang (2003) e Nascimento (2013), para compreender as concepções educacional, histórica e social de Cecília Meireles, bem como os caminhos trilhados, seus pensamentos, ação e inserção nos grupos e tendências. A questão central que norteia o trabalho de Silva (2008a) é a de que há, nas crônicas, um projeto de educação estética pautado na convergência entre o lirismo e a reflexão, articulando-as às ideias de Edgar Morin sobre a educação para o século XXI. Os estudos de Silva (2008b) e Silva (2015) analisam as crônicas como lugar de memória, identificando as concepções de Cecília Meireles sobre arte e cultura na educação, o que permitiu vislumbrar não só o pensamento, mas a versão histórica do momento pelo prisma da poeta. Por sua vez, Souza (2013a) interroga os diversos sentidos que a palavra/signo educação assume nas Crônicas de Educação e analisa as mudanças de sentido nas diferentes (re)significações da palavra educação construídas por Meireles. Roberto (2013) discute a participação da educadora no contexto dos debates educacionais e da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, procurando desvelar os debates e confrontos que ajudam a entender o período em questão, bem como a importância de sua voz em defesa dos ideais de uma escola moderna. Almeida (2014) problematiza os vestígios das

³ Acesso pelo link: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

leituras de Cecília Meireles presentes nas crônicas e como estas convergem para a discussão de temas como a solidariedade, a cooperação e a fraternidade entre os seres humanos, integrando o nacional ao universal. As análises realizadas por Souza (2014b) identificam a presença das “paixões”, segundo a caracterização feita por Aristóteles na *Retórica*, como componentes emocionais que determinam o caráter persuasivo de um discurso, evidenciando como Cecília Meireles utilizava as paixões “positivas” para se referir ao que estava em concordância com a Escola Nova e as paixões “negativas” para tratar de ideias e realizações contrárias ao escolanovismo.

Em diálogo com os trabalhos acima mencionados, a contribuição deste estudo é entrever e refletir sobre a lacuna no que diz respeito às características dessa fase, ainda não contemplada nos estudos historiográficos da educação brasileira. Sendo assim, tem como objetivo compreender em que medida a “Página” foi apropriada para a veiculação de um outro discurso, de uma outra intencionalidade, ainda que também tratando de temáticas afeitas à educação, divergindo dos ideais do grupo de educadores escolanovistas, do qual Cecília Meireles fazia parte. Que concepções educacionais pretendiam fazer chegar aos leitores? O que publicaram, que temas foram privilegiados? Houve alguma divergência em relação às propostas dessa página, dedicada à educação? Quais foram as estratégias de divulgação utilizadas? Algumas dessas interrogações nos direcionaram à pesquisa dos artigos do *Diário de Notícias* a partir de 13 de janeiro de 1933. O que passou a ser veiculado e as modificações que foram implementadas, a partir daquele momento, apresentam possibilidades de compreender outras facetas do movimento educacional dos anos 1930, um movimento amplo e que amalgamou atores com propostas que apresentaram discordâncias, influências, posicionamentos, oposições, embates, contradições e rupturas.

Sob nova direção?

No primeiro editorial da nova fase, os leitores são notificados sobre os rumos e as novidades a serem adotadas e informados de que Cecília Meireles, que “vinha redigindo essa página com o fulgor da sua inteligência, deixou ontem de figurar no número dos (...) redatores”. O editorial informava que a seção continuaria “a exercer o seu apostolado, levando por diante a formosa batalha em prol dos ideais da escola nova” e anunciava que, em lugar da coluna “Commentario”, passaria a contar com artigos “dos maiores nomes do grupo de pioneiros da nova educação” (fato que não se verificou, como poder-se-á constatar mais à frente) e que Attilio Vivacqua assinaria o artigo da próxima edição

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

(D. N., 13/01/1933). Quem seriam os redatores e o que publicariam a partir daquela data? Quais as propostas para o exercício desse “apostolado”? Mesmo afirmando que “os maiores nomes” continuariam a publicar artigos naquele espaço, pode-se observar a partir daquelas edições, que reinauguravam o ciclo, que esse intento não foi confirmado de todo, e que outros projetos e encaminhamentos foram adotados. Uma das impossibilidades encontradas durante a pesquisa foi a de identificar quem foi/foram o/os responsável(veis) de janeiro a outubro de 1933. Muitas das matérias foram assinadas com iniciais como: M. G., M. J. e G. M.⁴

Portanto, a partir dali já é possível verificar uma reorientação nos temas publicados. Percebendo esses indícios, observando os resíduos, os dados marginais, os “pormenores considerados sem importância, ou até triviais”, como afirma Ginzburg (1990, p. 149-150), fomos em busca de mais evidências nas demais edições, e identificamos uma mudança que despertou a atenção: a frequência, a valorização e a predominância na divulgação da educação rural, as menções e a divulgação de textos exaltando as ideias de Alberto Torres, bem como matérias, cursos e notícias relacionadas à Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT), ao longo das edições até o encerramento. Assim sendo, atentamos para essas pistas, marcas, afirmações e esses silenciamentos presentes nos documentos, pois, como afirmam Stephanou e Bastos (2011), eles “não possuem uma verdade inerente, pronta a ser desvelada pelo pesquisador”, para que se possa realizar a “operação particular de transformar vestígios em dados de pesquisa”, a fim de produzir “um discurso, uma narrativa que constitui sua leitura do passado (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 417-418). Cabia interpretar esses sinais, a fim de procurar um sentido, a partir do que revelavam/ocultavam, e transformá-los em dados de pesquisa.

A leitura dos primeiros números e indícios encontrados nos alertava para uma possível reorientação no conteúdo, hipótese confirmada com a avaliação das demais edições. Ficou perceptível o surgimento de outras propostas e configurações, a começar pela coluna intitulada “Excerptos”, estrategicamente disposta na mesma parte em que antes figurava a coluna “Commentario” de Cecília Meireles, talvez como um expediente que simulava o vigor argumentativo e a exuberância das temáticas discutidas pela dirigente anterior. Em substituição, investiram em uma diversidade de textos, apostando em uma certa coincidência na vinculação político-ideológica de seus autores. Na

⁴ Provavelmente, Moisés Gikovate, geólogo do Museu Nacional, também ligado à *Revista Nacional de Educação*. G. R. era, possivelmente, Garcia de Rezende, professor, escritor, inspetor escolar, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural durante a reforma de Atílio Vivacqua. Como jornalista, Rezende publicou a coluna “Notas Ligeiras” no *Diário da Manhã*, foi autor de diferentes artigos para o *Diário de Notícias* e também para a “Página de Educação”.

coluna recém criada, figuraram, diariamente, pequenos excertos de textos de educadores, literatos, políticos, eclesiásticos e celebridades, como, por exemplo, Sampaio Dória, Delgado de Carvalho, Oliveira Vianna, Alceu Amoroso Lima, Adolphe Ferrière, Monteiro Lobato, Rabindranath Tagore, Roquette Pinto, Mario Casasanta, João Ribeiro Alfonso Reyes, Alberto Torres, Afrânio Peixoto, Paul Valéry, Bertha Lutz, Gerardo Backheuser, Henry Ford, Graça Aranha, Selma Lagerlöf e outros, que já eram conhecidos pelos leitores. Também foram incluídos na coluna fragmentos de discursos e textos de Oliveira Salazar, Benito Mussolini e Adolf Hitler, como veremos mais adiante. Há, contudo, um diferencial: são textos de intelectuais de projeção no cenário literário e educacional escolanovista já publicados, não encomendados e elaborados para serem veiculados, como antes, talvez pelo fato de os diretores não disporem da mesma rede de contatos.

Das continuidades observadas, podemos verificar que permaneceram, em todo o período que sucedeu a saída de Cecília, as ilustrações do artista português Fernando Correia Dias,⁵ frequentes ao longo de todo o itinerário da “Página de Educação” e em seções como “Portugal Continental e Ultramarino”, “Cinema Teatro Música”, “No Lar e na Sociedade”, “Automobilismo”, “Economia, Comércio e Indústria” e “Marinha Mercante”, e também nas crônicas e poemas do “Suplemento Literário”, que era publicado aos domingos.⁶

A princípio, como mencionavam no editorial, seriam publicadas pelo menos três matérias principais, assinadas por escolanovistas de destaque no movimento. Entretanto, o que se percebe, ao longo do tempo, é que elas vão escasseando até desaparecerem por completo, indicando que esse propósito não foi alcançado. A seguir, surgiram matérias sobre escolas rurais, ensino rural, experiências bem-sucedidas em diferentes estados da federação, matérias sobre as iniciativas da Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE),⁷ divulgação de conferências e cursos, até que um primeiro texto

⁵ Ilustrador, pintor, caricaturista, capista e escultor português (1892-1935), trabalhou em revistas como *Águia* e *Rajada* (em Portugal) e *Festa, Terra de Sol* e *Árvore Nova* (no Brasil), e em jornais como *Diário de Notícias* e *A Manhã*. Também foi responsável por ex-libris e vinhetas em livros de Cecília Meireles, Olegário Mariano e outros. Foi o primeiro marido de Cecília Meireles.

⁶ A “Página das Crianças” “surgiu no segundo domingo de circulação do jornal *Diário de Notícias* e circulou de 22 de junho a 31 de agosto de 1930, num total de onze números. Foi criada e organizada por Cecília e por Correia Dias, que ilustrava os contos, histórias, biografias e jogos (PIMENTA, 2001, p. 35-36).

⁷ A Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE) foi criada em 1929, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Estava vinculado à ABE e tinha como “objetivo de coordenar os esforços de todas as sociedades federadas, em prol da educação nacional” (J. B., 1929, p. 14). De acordo com Carvalho (2021), a entidade congregou cerca de vinte sociedades pedagógicas de diferentes estados brasileiros. Carvalho também afirma que “a Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE) é uma referência ausente na memória do movimento educacional brasileiro. Mas é oportuno reconstituir um pouco de sua história, pois, entre 1929 e 1931, ela aglutinou as figuras mais expressivas dos

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

de Attilio Vivacqua⁸ foi publicado. Intitulado “A concepção educacional de Alberto Torres” (VIVACQUA, 22/01/1933), o texto exalta o intelectual que era o “excelso mestre”, “o insigne pensador”, o “grande cidadão”, aquele que mesmo não tendo elaborado “um plano orgânico de educação nacional”, ainda assim apresentara “os princípios e fundamentos” que se achavam “consolidados na profunda luminosa obra sociopolítica” que o mestre legara ao “patrimônio cultural da humanidade”. Em outra oportunidade, e apesar de publicar uma matéria intitulada “Escola Nova”, Vivacqua trata, verdadeiramente, da questão da educação rural. De acordo com o autor, a escola deve objetivar a preparação da “mentalidade agrícola” e a fixação do “jovem rural no seu ambiente” e, para tanto, é preciso “despertar na criança o amor e o interesse pela vida agrícola, ministrar o conhecimento e aplicação dos métodos racionais que regem a produção vegetal e animal, incutir a conveniência econômica da policultura” (VIVACQUA, 02/02/1933).

Como se pode perceber, são publicados, dali em diante, textos não apenas para explicitar e difundir as ideias de Alberto Torres, mas para lembrar, exaltar e difundir a figura desse intelectual: o seu legado ao pensamento brasileiro e a importância de introduzir as suas concepções na legislação, na diretriz de instituições e ações educacionais, orientando e conduzindo para o retorno do homem ao campo, a criação de instituições rurais e a formação de mestres para a escola rural.⁹

Os textos vão se sucedendo ao longo dos meses, e vale destacar o discurso de Mario Casasanta sobre Alberto Torres, em junho de 1933, na sessão de instalação do núcleo mineiro da SAAT, em Belo Horizonte. O educador lembra aos presentes reunidos, “em redor da excelsa figura de Alberto Torres”, a importância de estudar em sua companhia “os problemas nacionais e para, com ele, combatermos o tremendo empirismo político que tem presidido as soluções dos problemas nacionais”. No elogioso discurso, o orador atentava para o fato de que não existia, “entre os milhões de brasileiros que vivem

educadores signatários do Manifesto. Fundada por iniciativa de Vicente Licínio Cardoso e presidida por José Augusto (...) a FNSE foi fruto de uma dissensão na Associação Brasileira de Educação (ABE).” “(...) em torno de Licínio e do projeto da Federação” estavam “alguns dos mais destacados signatários do Manifesto, como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Sampaio Dória, Frota Pessoa e Venâncio Filho” (CARVALHO, 2021, p. 168-169).

⁸ Atílio Vivacqua (1894-1961), político e educador, foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Responsável pela reforma educacional da Instrução Pública no Espírito Santo, em 1928, difundiu os ideais da Escola Nova e a estruturação das instituições escolares do estado. Colaborou na “Página de Educação”, publicando matérias sobre a educação no Espírito Santo, relacionadas a educação sanitária, educação artística, ensino profissional, cinema educativo, bibliotecas, escotismo, museus, educação rural, ensino e escolas normais. Retornou à “Página” em janeiro de 1933. Aspectos de sua reforma foram mencionados em duas crônicas (MEIRELES, 1930 e 1931). Em sua viagem a Portugal, em 1934, Vivacqua foi um dos intelectuais que se encontraram com Meireles e Correia Dias, durante a escala do navio em Vitória. Ver: PIMENTA, 2008.

⁹ Outros tantos desses textos de exaltação a Torres foram publicados na seção e também na coluna “Excerpts”.

sobre a terra e os milhões de brasileiros que estão debaixo dela, desde o primeiro século” da formação do Brasil, ninguém como Alberto Torres, pois ele “soube discernir, nessa realidade, aquelas necessidades, exigências e problemas” que exigem a atenção, o estudo e o esforço para “uma solução acertada” (CASASANTA, 11/06/1933).

A maior parte dos discursos e matérias publicadas, a partir de então, tinha como propósito enaltecer a figura e as ideias de Alberto Torres, como se somente ele, suas concepções e sua obra dispusessem de todos os esclarecimentos para a “salvação” da nação brasileira, elevando-o a patamares de excelência e desenvolvimento que nenhum outro intelectual ou político vislumbrou legar ao país. Ou seja, não se tratava de oferecer aos leitores novas perspectivas de e sobre educação em diferentes contextos, concepções e espaços nacionais ou internacionais, como haviam sido apresentados noutro tempo, mas de afirmar, categoricamente, uma única via de orientação para o entendimento e a implementação de ações no universo educacional brasileiro. Para Le Goff (1990), “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (p. 477). Essa observação incide sobre os rumos adotados de janeiro a outubro de 1933. Sem Cecília, o grupo de intelectuais que assume o poder nos trabalhos relacionados à educação no jornal *Diário de Notícias* explicitam as suas afinidades e escolhas para imprimir e orientar, vislumbrando outros itinerários para o movimento e para a política educacional que pretendiam influenciar dali em diante. Pelo que se pode deduzir a partir desses elementos, eram intelectuais ligados à Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT), mas também à Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE), visto que as ideias e iniciativas defendidas pelos intelectuais dessas duas agremiações eram nítidas, hegemônicas e concorriam para compor aquelas páginas dedicadas à educação. Assiste-se, paulatinamente, a um arrefecimento da presença de ícones do movimento escolanovista, sobretudo dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, e um predomínio das ideias dos integrantes dessas duas agremiações, SAAT e FNSE, alguns dos quais militando no movimento escolanovista, mas não mais partícipes da Associação Brasileira de Educação (ABE), uma vez que o grupo católico migrara e se filiara a outros grupos com afinidades ideológicas semelhantes. Pelas publicações, pode-se inferir que havia um maior protagonismo dos intelectuais ligados à SAAT e menos à FNSE, pois são em maior número os indícios de pertencimento dos dirigentes à primeira agremiação e menor, ou mais inexpressiva, à da segunda.

A SAAT e as estratégias de difusão do ideário torreano

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

Mas quem foi Alberto Torres? Como a SAAT se formou? Quem eram os seus membros? De acordo com Camargo (2014), as obras de Torres se tornaram, para os intelectuais nacionalistas, “a bíblia secular da geração de 1930”, e um dos seus maiores difusores foi Oliveira Vianna, nas décadas de 1920 e 1930. Torres e Oliveira Vianna foram “os grandes ideólogos do projeto de Estado e sociedade que deveriam emergir com a “organização nacional, outro empréstimo que, não por acaso, batizou a agenda política da Era Vargas” (p. 140). A influência de Alberto Torres era tal que citar as suas obras equivalia à legitimação dos discursos, e definia

[...] que aquele que falava era nacionalista, patriota e realista, apoiado no conhecimento objetivo da realidade nacional e disposto a contribuir para aperfeiçoá-la. E significa também a posse de um saber desinteressado e socialmente reconhecido, que autoriza o intelectual a opinar e intervir na sociedade [...]. A citação de Alberto Torres significa pertencer a essa geração de intelectuais, que quer intervir na realidade política, que atribui a si própria um papel fundamental na nova nação a ser (re)construída” (PINHO, 2007, p. 165).

De acordo com Fernandes (2011), Alberto Torres (1865-1917)¹⁰ é “considerado uma das matrizes do pensamento autoritário brasileiro”, mais pelo seu pensamento que por sua ação. Sua obra ganhou destaque nos anos 1930, e as Constituições de 1934 e de 1937 incorporaram parte de suas concepções, cujos aspectos mais evidentes foram “o nacionalismo, a crítica ao imperialismo, a crítica aos partidos políticos, a defesa da agricultura e a defesa do trabalhador nacional” (FERNANDES, 2011, p. 1-2). Para Torres, a formação da Nação era crucial e, para tanto, conclamava as novas gerações para consumar esse desiderato:

[...] não seria através dos modelos desgastados das velhas nações europeias que ela viria, pelo contrário. Era necessário criar um modelo nacional de fato, longe dos dogmas europeus de superioridade racial e militar. Estes modelos externos poderiam no máximo servir de guia para se detectar o que não somos e, a partir daí, definir o que somos (FERNANDES, 2011, p. 4).

Sobre Alberto Torres, Fernandes (2011) afirma que o intelectual repudiava apenas o imperialismo de França e Inglaterra, mas via com bons olhos a Doutrina Monroe e negava a unidade das Américas, pois via a disparidade econômica e cultural dos Estados Unidos e considerava aquele país superior

¹⁰ Alberto Torres nasceu em Itaboraí (RJ), em 1865. Foi deputado estadual (1892-1893) e deputado federal (1893-1896) pelo estado do Rio de Janeiro; ministro da Justiça no governo de Prudente de Moraes; presidente do Estado do Rio e ministro do Supremo Tribunal Federal. Um dos expoentes do pensamento ruralista brasileiro, publicou *O problema nacional brasileiro, A organização nacional, As fontes da vida no Brasil*, nos quais concebia o Brasil como um país de natureza essencialmente agrária, opondo-se, assim, a qualquer intenção industrialista. Nacionalista, defendia o fortalecimento do Executivo, convocando os intelectuais a participar da organização da sociedade. A nação, segundo suas palavras, deveria organizar-se “como corpo social e econômico, não devendo copiar nem criar instituições, mas fazê-las surgir dos próprios materiais do país”. Suas ideias estiveram bastante em voga na década de 1930, com o movimento integralista”. Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/aeravargas1/biografias/alberto_torres>.

frente aos demais países da América Latina. Ele concebia a aproximação do Brasil com os Estados Unidos como fortuita, pois barrava as pretensões de hegemonia da Argentina no continente. Já no que se refere ao agrarismo, ou a volta do homem à terra, acreditava ser esta a “expressão concreta da nacionalidade de um povo” e que a “defesa da terra e de suas riquezas” ganhava “foros de defesa da própria Nação, ainda em formação” (FERNANDES, 2011, p. 4). Para ele, a terra “é a base da nacionalidade e deveria ser a base da economia” e “só seria encarado como produção aquilo que viesse do trabalho na terra”. Apenas os vínculos com a terra reforçariam a união nacional. A industrialização e a acorrida das populações às cidades cooperavam para a desarticulação, a instabilidade, a debilidade física e moral da população e, consequentemente, para a desagregação nacional. Por outro lado, o comércio desencadearia o luxo e a futilidade na sociedade, “o que era mais grave no caso do Brasil, uma nação nova onde a solidariedade do povo ainda não havia sido completada”. Essa solidariedade poderia ser alcançada apenas no campo, com a formação de uma “teia de solidariedade social entre o povo” (FERNANDES, 2011, p. 10). A autora salienta para o fato de Torres considerar o latifúndio como não sendo o modelo mais conveniente para o desenvolvimento do país, propugnando a pequena propriedade e a diversificação agrícola como adequadas para levar o país ao “caminho correto do desenvolvimento” e à “formação da nação”. Sendo assim, reafirma, “o agrarismo viria (...) como uma consequência lógica da postura nacionalista” de Alberto Torres, e a defesa da agricultura confundir-se-ia “com a própria defesa do país” (FERNANDES, 2011, p. 13). Portanto, segundo e seguindo essas diretrizes, a defesa do agrarismo, do retorno ao campo, do repúdio pela migração para as cidades é o que vai prevalecer, doravante, na concepção dos conteúdos a serem apresentados aos leitores da “Página de Educação”.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT), de acordo com Pinho (2007, p. 171), foi fundada em novembro de 1932 e estava sediada no edifício do *Jornal do Comércio*, de propriedade de Félix Pacheco, que foi ministro das Relações Exteriores do governo Arthur Bernardes (CAMARGO, 2014, p. 141) e, também, um dos membros. Teve como fundadores educadores, cientistas, diplomatas e políticos importantes, como: Edgar Teixeira Leite, Alde Sampaio, Fernandes Távora, Juarez Távora, Saboya Lima, Ildefonso Simões Lopes, Lourenço Baeta Neves, Alcides Gentil, Heloísa Alberto Torres, Edgard Roquette-Pinto, José Savaresi, Paulo Filho, Humberto de Campos, Félix Pacheco, Barreto Campello, Barbosa Lima Sobrinho, Oliveira Vianna, Hélio Gomes, Alcides Bezerra, Belisário Penna, Rogério de Camargo, Saturnino de Brito Filho, Roberto Marinho, Alberto J. Sampaio, Magalhães Correa, Prado Kelly, Humberto de Almeida, Porfírio Soares Neto, Mário

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

Roquette-Pinto, Protógenes Guimarães, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Raymundo Magalhães, Rafael Xavier e Raul de Paula. Mais tarde, personalidades como Carlos Pontes, Cândido Mota Filho, Celso Vieira, Plínio Salgado e Nicolau Debané também iriam integrar a sociedade (PINHO, 2007). De acordo com a autora, poucos estavam aptos a se filiar e a compor os quadros da SAAT:

De acordo com os estatutos da organização (...) era necessário: ser brasileiro nato ou naturalizado; ser proposto por um ou mais sócios efetivos quites; obter um parecer favorável do Conselho Fiscal; pagar uma determinada quantia em dinheiro; prestar compromisso de fidelidade ao programa e fins da SAAT. Além disso, depois de associado, havia uma mensalidade a ser paga. Desse modo, havia requisitos de nacionalidade, econômicos, ideológicos e, principalmente, de sociabilidade, já que era preciso ser indicado por um ou mais sócios. Finalmente, era possível perder o título de sócio, em caso de “incapacidade moral, ou pela prática de atos ou propagação de ideias incompatíveis com o programa e os fins da Sociedade, à juízo da Assembleia Geral” (PINHO, 2007, p. 170).

Ainda de acordo com a autora, mesmo que não constasse dos seus estatutos, a verdadeira finalidade da SAAT, “declarada por vários de seus integrantes”, era “contribuir para os trabalhos de elaboração da nova Constituição” (PINHO, 2007, p. 171). No estatuto da associação, estavam previstos os seguintes princípios, que deveriam constituir os propósitos e as ações a serem pretendidas e empreendidas pelos seus membros:

- a) promover o estudo dos problemas nacionais, com o fim de indicar a adequação das instituições aos fatos da nossa experiência, à luz dos fatos da política mundial;
- b) divulgar os ensinamentos de Alberto Torres, por constituírem até agora, o melhor programa de conjunto dos nossos problemas, sujeitando-os aos fatos da experiência e da observação;
- c) promover a publicação das obras inéditas ou esgotadas de Alberto Torres (...);
- d) promover a metodologia dos assuntos focalizados por Alberto Torres, bem como os cursos que lhe sejam consequentes, tendo em vista a integração dos ensinamentos respectivos na educação nacional, sob a forma de compêndios didáticos;
- e) promover a criação de centros de estudos torreanos, em todo o país, para reunir elementos que façam inquéritos e conferências, onde os diferentes programas brasileiros sejam examinados em suas próprias fontes;
- f) publicar uma revista mensal onde saiam as conferências feitas no Rio e nos Estados, bem como todos os trabalhos considerados úteis ao estudo dos vários problemas da nacionalidade brasileira;
- g) publicar, em volumes, as conferências e os estudos realizados pela Sociedade, desde que o órgão competente considere trabalho de valor real para a interpretação, análise e propaganda da obra torreana e de utilidade para o esclarecimento dos problemas nacionais;
- h) definir os princípios fundamentais do pensamento de Alberto Torres, em síntese (...);
- i) promover por todos os meios e modos a fraternidade continental e universal;
- j) estimular por todos os meios, o estudo e a solução dos problemas rurais brasileiros, sob o triplice aspecto – político, social e econômico (PINHO, 2007, p. 172).

Dos objetivos elencados nos estatutos da SAAT, é válido ressaltar aqueles que pressupõem a divulgação do pensamento torreano e as ações que dizem respeito à educação, ou seja, a previsão de

curtos¹¹ e a integração dos seus ensinamentos na educação nacional, sob a forma de compêndios didáticos:

A partir de 1933, assistimos ao florescimento de fóruns de debates sobre a educação rural, patrocinados, sobretudo, pela recém-criada Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT) e pelos congressos da Associação Brasileira de Educação (ABE). A concepção sobre a matéria alarga-se. Outros tópicos são incluídos no entendimento fundamental da questão: extensão do fomento à produção agrícola; distribuição do crédito; melhorias das vias de comunicação e dos serviços de assistência; “missões rurais”, empregando modernos processos técnicos de difusão, como o cinema, que incide sobre as formas de percepção do educando; melhora das instalações escolares, construção de casas de residência para os professores e organização regional de sua formação (CAMARGO, 2014, p. 144)

A sede da SAAT estava localizada no Rio de Janeiro, mas existiam núcleos regionais e municipais em diferentes estados da federação. Pinho (2007) identifica as linhas centrais do pensamento e da ação dos seus membros, dos quais a educação era um dos guias e a educação agrícola a grande diretriz: “Sempre uma educação prática, voltada, por exemplo, para noções de alimentação, saúde e higiene” (p. 173). Para ampliar o raio de ação da agremiação, foram criados os *Clubs Agrícolas Escolares*, apoiados pelos núcleos regionais e municipais e também pela matriz. De acordo com a autora, em 1933 foi organizada a “*Primeira Exposição de Imprensa Nacional*, na Biblioteca Nacional, com 406 jornais escolares” de diferentes localidades do país. Poucos anos depois, em 1936, “havia mais de mil clubs (...) nos mais diversos cantos do Brasil”, o que denota a pujança do alcance dos preceitos e ações da sociedade (PINHO, 2007, p. 176). Desses números, depreende-se que o engajamento dos seus membros e o alcance de atuação das atividades não podem ser considerados desprezíveis. Mesmo vislumbrando a hegemonia de pensamento e ação e tendo alcançado tal grau de disseminação no território brasileiro, as ações educacionais da SAAT têm sido parcamente investigadas pela historiografia da educação. A que pode ser atribuído tal esquecimento? Poderia isso ser atribuído à fragilidade e/ou aos aspectos doutrinários e autoritários das proposições? A que se deve a perda da influência do ideário torreano sobre os intelectuais? Por que foi rejeitado pelos educadores das gerações seguintes?

Entre as propostas da SAAT, estava a criação de uma revista mensal no item “f”, incumbida de publicar “as conferências feitas no Rio e nos estados, bem como todos os trabalhos considerados úteis ao estudo dos vários problemas da nacionalidade brasileira e a publicação de palestras proferidas por membros da SAAT”. Essa iniciativa não obteve êxito, como afirma Pinho (2007, p. 176). Para esse

¹¹ A SAAT promoveu o Curso para Professores de Escolas Regionais, ministrado pelos professores Raul de Paula e Armando Álvaro Alberto, para alunas que vieram de diferentes estados da federação. Ver: **Diário de Notícias**, 13/04/1933.

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

mister, a estratégia encontrada foi o envio das atividades e conferências para serem publicadas em jornais e revistas. Segundo a autora, citando Lima Sobrinho (1968, p. 510), isso se devia, “em grande parte, ao dinamismo de Raul de Paula, que ia de redação em redação, num esforço realmente prodigioso de difusão”. Com essa estratégia, as matérias oriundas da Sociedade foram publicadas no *Jornal do Comércio*, no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil*, na *Folha do Povo*, em *A Nota*, no *Diário Carioca*, na *Revista de Ensino*, na *Revista Nacional de Educação* e no *O Agricultor*. Vale ressaltar que não se faz nenhuma menção ao *Diário de Notícias* e nem à “Página de Educação”, possivelmente por esse veículo já ser, notoriamente, como observa Pinho (2007), um dos “órgãos oficiais” de difusão do ideário torreano, ao lado do *Jornal do Comércio*, que era o grande órgão de divulgação das ações da SAAT. Isso porque:

Felix Pacheco, proprietário e editor-em-chefe do *Jornal do Comércio*, era membro ativo da SAAT e lhe disponibilizava com grande frequência espaço gratuito em suas páginas. Conferências inteiras da SAAT eram regularmente transcritas nesse jornal, ocupando às vezes mais de uma página. No período de 1932 a 1937, anos de maior atividade da SAAT, sua presença no *Jornal do Comércio* (...) através de notícias de suas atividades ou de transcrições de palestras, em cerca de 15 edições, e até mais. Essa presença na mídia impressa conferia um grande poder à SAAT. Era, inclusive, no edifício desse jornal, que funcionava a sede da SAAT, na Av. Rio Branco, número 117, salas 110 e 111. Aliás, foi em um incêndio na sede do *Jornal do Comércio* que se perdeu toda a documentação da SAAT, como foi relatado por seu último presidente, Edgar Teixeira Leite. Segundo ele, “o magnífico arquivo” da SAAT, assim como “a ‘tarja’ de bronze em que mandei inscrever o pensamento central de Alberto Torres, foi devorado pelas chamas, no incêndio que destruiu o antigo Jornal do Comércio” (PINHO, 2007, p. 173).

Assim, conquistar o comando do *Diário*, que se tornara um importante veículo de comunicação, era, para os torreanos, um trunfo considerável, apesar desse vínculo com a SAAT não figurar nas pesquisas acima mencionadas. Esse veículo jornalístico tinha alcançado prestígio, credibilidade e respeito suficientes entre os leitores naqueles dois anos e meio de existência, pelo que veiculara desde o início. Afirmar a ideologia do grupo não era apenas desvanecer as conquistas iniciais, deixar cair no esquecimento os resultados obtidos, a postura e o pensamento de Cecília Meireles e dos demais educadores que “frequentaram” aquele espaço, mas sobrepor outras concepções de educação, movimento que passou a ser imperioso para o grupo de intelectuais torreanos. Esse “esquecimento” proposital é denominado por Le Goff (1990, p. 443) como *damnatio memoriae*, movimento empreendido pelos que estão no poder para fazer “desaparecer o nome do imperador defunto dos documentos de arquivo e das inscrições monumentais. Ao poder pela memória responde a destruição da memória.” Depreende-se disso que as memórias do transcorrido foram amortecidas e forçadas a desaparecer, propositalmente, diante de um tempo em que se procurou exaltar outras ideias e

itinerários distintos para a educação do país. De acordo com Bourdieu (2009), assentadas no capital e na vinculação ao poder político vigente, essas

[...] frações dominantes (...) têm em vista impor a legitimidade de sua dominação quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detém por delegação; a fração dominada (letrados ou “intelectuais” e “artistas”, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Alberto Torres e os filiados à instituição que leva o seu nome são essas personalidades que se colocam à disposição para traçar outros caminhos, disseminar concepções, influenciar e orientar o debate educacional do Distrito Federal e do país, uma vez que tinham como meta intervir na política, orientar leitores e profissionais sobre o que consideravam a grande contribuição do mestre.

Se a revista que deveria ser editada pela SAAT não obteve êxito, esse mister foi conseguido com a criação de uma publicação que se tornou um importante veículo de disseminação das ideias de Alberto Torres e da SAAT: a *Revista Nacional de Educação (RNE)*, fundada no Museu Nacional, e que circulou entre outubro de 1932 e 1934. Era dirigida por Edgard Roquette-Pinto e financiada pela Diretoria de Informações Estatísticas e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública. De acordo com Duarte (2004, p. 33), “seu objetivo principal era a veiculação de conteúdos de ciência, história e arte para um público mais amplo das várias regiões do Brasil.” A revista teve uma tiragem de 12.500 exemplares e era enviada para “professores, escolas, prefeituras e diversas associações culturais e de classe”, que “passaram a receber o periódico, gratuitamente” (DUARTE, 2004, p. 34). Os artigos eram de autoria de intelectuais e cientistas ligados ao Museu Nacional. Contava também com a tradução de trechos de viajantes e apresentava-se “como iniciativa de uma República renovada, parte de uma estratégia mais ampla de inaugurar novas relações entre o governo e uma população a ser educada. A revista tinha como missão tornar-se “um marco espiritual da nacionalidade, sintonizada ao ideal de um Estado cuja ação pedagógica constituísse um povo e uma nação” (DUARTE, 2004, p. 33). Ainda de acordo com a autora,

A *RNE* atuava, portanto, em várias áreas de divulgação do saber e da arte, capacitando seus leitores a conhecer o Brasil em sua flora, fauna, aspectos físicos, sociais e históricos, assim como torná-los aptos para a fruição de obras literárias, pictóricas e musicais. Mas também buscava transformar cada leitor em um colaborador na obra de educar o povo e formar a nação. Vários números contêm modelos de cartazes de alfabetização, a serem usados por quem se dispusesse a lutar contra o analfabetismo (...) (DUARTE, 2004, p. 45).

Roquette-Pinto, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, “objetivou sua pertença intelectual no empenho de se apoderar das grandes causas políticas e confrontá-las no campo

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

científico no qual teceu sua profissionalização” (RANGEL, 2010, p. 13). De acordo com o autor, em três décadas, Roquette-Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e implementou a “Rádio Escola Municipal do Distrito Federal, o Serviço de Radiofusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde Pública e o Instituto Nacional de Cinema Educativo” (RANGEL, 2010, p. 13). Também foi membro da “Academia Brasileira de Ciências, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, da Associação Brasileira de Educação, entre outras” (RANGEL, 2010, p. 13). Roquette-Pinto, como afirmado acima, dirigiu a *Revista Nacional de Educação (RNE)*, que trazia, à direita, o título e a indicação do Ministério, seguidos da epígrafe, que acompanhou a publicação até seu desaparecimento, em meados de 1934: “Em todos os lares do Brasil, o conforto moral da Ciência e da Arte”, frase atribuída a ele, que também era membro da SAAT e tinha Heloisa Alberto Torres (irmã de Alberto Torres) como uma de suas assistentes no Museu Nacional, igualmente filiada à sociedade que homenageava o irmão.¹² A *Revista Nacional de Educação* foi, portanto, outro importante veículo de propagação das propostas, ideias, conferências e ações da associação:

Impressiona a proximidade entre a criação da revista, em outubro de 1932, e a fundação da agremiação, no início de novembro do mesmo ano. O estatuto da sociedade, bem como todos os eventos e recomendações sociais em que esta se envolvia, foram amplamente noticiados pela *RNE*. Várias das palestras proferidas por seus membros eram reproduzidas no periódico, com destaque para as técnicas de cultivo agrícola, preservação ambiental e todos os saberes que supostamente deveria possuir o homem do campo (CAMARGO, 2014, p. 145).

De acordo com Camargo (2014), era a educação rural que amalgamava as relações dos membros da SAAT “em torno de um projeto de nação”. Sendo assim, foram criados os *clubs* agrícolas escolares, “que distribuíam sementes, adubos, mapas e instrumentos agrícolas, ensinavam noções de nutrição, promoviam campanhas de reflorestamento, ofereciam cursos de ensino rural para professores”. Outra iniciativa, a “Marcha para o Oeste”, consistia em “atividades pedagógicas da agremiação”, com “semanas ruralistas organizadas em todo o país, pelos núcleos regionais e locais”. Nesses eventos, eram oferecidos “cursos pedagógicos, sanitários e agrícolas para professores, crianças e lavradores; exposição de produtos agropecuários e industriais da região; cinema educativo; excursões;

¹² Heloisa Alberto Torres foi sucessora de Roquette-Pinto na direção do Museu Nacional e “foi indicada para ocupar a cátedra de Antropologia e Etnografia da Universidade do Distrito Federal (UDF), quando Freyre foi desligado da instituição em 1937”. Com o fim da UDF e a criação da Universidade do Brasil, Heloisa permaneceu no Museu Nacional. Ver: GILIOLI, 2008, p. 86.

distribuição gratuita de sementes e livros; conferências sobre assuntos econômicos educativos e sanitários e plantio em bosque comemorativo” (CAMARGO, 2014, p. 145).

Isso sugere que a *Revista Nacional de Educação (RNE)* e a “Página de Educação” foram os sustentáculos materiais para a difusão do pensamento de Alberto Torres e dos membros da SAAT. A *RNE* também publicou a respeito de várias atividades desenvolvidas em diferentes locais do país: palestras, conferências, visitas técnicas a instituições de ensino, artigos, cursos, reuniões de grêmios, experiências e instituições educacionais bem-sucedidas em educação rural.

Em rota de colisão

Ao longo dos meses, a página seguiu o seu curso com conteúdo incerto. Praticamente desapareceram menções às figuras de maior destaque no movimento escolanovista, o que havia sido prometido no editorial da fase em questão. São parcias as publicações de entrevistas, discursos, conferência e a cobertura de ações administrativas, em especial de Anísio Teixeira, que era o Diretor da InSTRUÇÃO PÚBLICA do Distrito Federal. Finalmente, em março, surge a primeira reportagem sobre “As inovações no Ensino Primário do Distrito Federal” empreendidas por ele. Tratava-se de uma reunião com a imprensa, reunião essa presidida pelo educador, que fez uma “exposição minuciosa do novo plano para o serviço de matrícula nas escolas primárias do Distrito Federal”. Teixeira esboçou o que pretendia executar, “apontando as falhas do ensino atual, assim como aventando medidas no sentido de aparelhar o (...) sistema de instrução primária de acordo com as mais recentes doutrinas pedagógicas” e solicitando a “colaboração imprescindível” da imprensa “nessa grande obra do ensino primário entre nós” (D. N., 30/03/1933). Em abril, em matéria intitulada “Para assegurar a educação da infância”, são informadas as providências adotadas por Teixeira, que resolvera abrir concorrência pública para a internação de menores carentes e desvalidos em instituições particulares de ensino (D. N., 22/04/1933). No mês seguinte, é publicada, na coluna “Excerptos”, parte de uma conferência de Anísio – “A educação popular obrigatória” - proferida no Rotary Club (TEIXEIRA, 24/05/1933). As ações do Diretor da InSTRUÇÃO só reaparecerão em setembro em “A Reforma da InSTRUÇÃO Municipal: como o Sr. Anísio a encara”, que trata do Decreto que prevê “alterações significativas no exercício de vários cargos escolares e na compreensão de suas atribuições e funções” (D. N., 21/09/1933). Como é possível perceber, as ações e realizações de Teixeira como Diretor da InSTRUÇÃO Pública só são veiculadas em poucas ocasiões, esmaecendo a sua contribuição ao debate educacional.

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

Em agosto, é publicada, na coluna “Excerptos”, parte de uma conferência de Fernando de Azevedo intitulada “Povoar, unir, educar!”. Nela, Azevedo considera um equívoco a ideia do retorno ao campo e a impossibilidade de “estender educação, nas condições atuais, a todos os grupos dispersos pelo campo e pelos sertões, e de obscurecer a questão com mais uma dessas ‘ideias salvadoras’, de que tem sido fértil o misticismo da mentalidade primária”. Dias antes, em outro fragmento de conferência, intitulada “A política do ‘rumo ao campo”, Azevedo havia sido ainda mais incisivo e enfático em sua crítica ao ruralismo pedagógico, *leitmotiv* das ideias de Alberto Torres e dos seus seguidores, e afirmava o seguinte:

A política do “rumo ao campo” que entre nós tem surgido, em correspondência com os fenômenos periódicos de depressão econômica, apresenta-se sempre sob formas e aspectos dessas “ideias salvadoras”, de que o misticismo primário vem constituindo quase toda a literatura política do país. Vaga e divagante, essa política pseudorrealista, irradiada ora das altas esferas do poder público, ora de setores educacionais, nunca chegou a criar “um clima de reflexão” capaz de despertar a consciência do problema e da necessidade de resolvê-lo (AZEVEDO, 25/08/1933).

Curiosamente, Azevedo é denominado como “educacionista e publicista”, quando o tratamento usual para outros intelectuais ligados à educação e que tinham seus textos publicados naquele espaço era o de “educadores”. Talvez essas considerações tenham contrariado as convicções dos diretores, para quem a volta ao campo era um recurso para o desenvolvimento do país, para a organização da economia e para a solidificação do sentido de nação, como afirma Fernandes (2011). Assim, não se sabe se o termo “educacionista” seria uma forma de contestar as reflexões do educador ou de conceber as suas ações como um intelectual responsável pela “transformação social”, na perspectiva de Kropotkin.¹³ Como afirma Camargo (2014, p. 144), Fernando de Azevedo foi um dos responsáveis pela “sofisticação do debate intelectual sobre o ensino rural”, ao lado de Almeida Júnior, Abgar Renault e Teixeira de Freitas. Portanto, é possível inferir que o teor das teses de Alberto Torres não era de todo refutada ou tida como superada por Azevedo, afinal Torres era “e ainda é reconhecido como um dos precursores da Sociologia brasileira e um dos intérpretes do Brasil” (p. 144). Era leitura obrigatória para os intelectuais e, portanto, deveria figurar como leitura obrigatória entre os demais

¹³ Educacionismo é um termo que expressa uma concepção construída no século XIX por Piotr Kropotkin, visando uma “transformação social através da educação”, cuja tese central afirma que a educação tem um papel social de tal transcendência que a ela se atribui a função de transformar a sociedade. Fonte: Wikipédia <<https://g.co/kgs/9NtyTo>>. Acesso em 01/01/2022.

grandes nomes da *intelligentsia*¹⁴ do país (MARTINS, 1987, p-p. 65-87). Como diretor da Coleção Brasiliiana, da Companhia Editora Nacional, Azevedo publicou duas obras de Alberto Torres, *O problema nacional brasileiro* e *A organização nacional*, em 1933 e, ainda, duas obras dedicadas ao autor: *As ideias de Alberto Torres*, seleta de trechos organizada por Alcides Gentil, em 1932, e *Alberto Torres e sua obra*, biografia de autoria de Saboya Lima, em 1935 (PINHO, 2007).

Outro desses retornos é o de Mme. Louise Artus-Perrelet,¹⁵ educadora presente nos tempos de Cecília, que reaparece e continua a figurar em diferentes edições, a partir de fevereiro de 1933. Segundo informavam aos leitores, a educadora dispensava apresentações, pois já era conhecida pelo seu curso de desenho “Vinte e sete lições do curso de aperfeiçoamento de Artus-Perrelet”, seu primeiro trabalho no Brasil, desenvolvido entre 1929 e 1931. Ela retornara ao país em fins de 1932 e início de 1933, e seu curso “Os novos métodos pedagógicos – Lições da Professora Artus-Perrelet”,¹⁶ ministrado na Escola Rivadávia Corrêa, era agora reproduzido na “Página de Educação”. A matéria de (re)apresentação do curso foi assinada por M. de P., que dali em diante não mais assinou com as suas iniciais, mas como Marina de Pádua.¹⁷

Entretanto, o que mais diferencia essa segunda temporada, além do desvanecimento do pensamento e das ações empreendidas pelos “cardeais”¹⁸ e outros expoentes do movimento escolanovista nacional e internacional, da exacerbação da figura, das ideias, propostas e obras de Alberto Torres, é sem dúvida alguma o mais surpreendente: a convivência “pacífica” de excertos de textos de intelectuais ligados à educação e à literatura com os de personalidades da política externa, como por exemplo, Hitler, Salazar e Mussolini, coexistindo com conteúdo relativo à educação, numa página dedicada à

¹⁴ De acordo com Martins (1987), o termo pressupõe a “existência de grupos de intelectuais que se caracterizam - e se distinguem de seus pares - por um certo número de atributos, entre os quais o principal refere-se à natureza particular de suas relações com a política. Ver: MARTINS, 1987, pp. 65-87.

¹⁵ Louise Artus-Perrelet (1867-1946) educadora de origem suíça, “trabalhou na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte entre 1929 e 1931, realizou palestras e um curso de desenho e jogos educacionais para professores primários no Rio de Janeiro”. (...) “Os dados reafirmaram que a pedagogia de Artus-Perrelet se filiava aos princípios da educação funcional e pedagogia experimental originados no Instituto Jean-Jacques Rousseau (1912), onde foi uma das primeiras professoras, juntamente com Édouard Claparède (1873-1940) e Pierre Bovet (1878-1944)”. Ver: ALMEIDA, 2020.

¹⁶ Foram publicadas também em: 04, 07, 15, 19, 23, 26 e 30 de março de 1933.

¹⁷ Marina de Pádua Barros Gomes, declamadora e poetisa, professora de Educação Artística da PRD-5-Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, ligada aos círculos católicos cariocas, fez parte da Cruzada Feminina do Brasil Novo e foi membro da Associação Brasileira de Educação (ABE) nos anos 1930. Publicou biografias, para crianças, de personalidades brasileiras como Humberto de Campos e Carlos Gomes. Assinou todas as matérias sobre as aulas da professora Artus-Perrelet na “Página de Educação”, em 1933. Fez parte do Instituto Cultural Argentino-Brasileiro Júlia Lopes de Almeida. Fonte: **Diário de Notícias** (1930-1936).

¹⁸ Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Carneiro Leão (LEMME, 2004, p. 99).

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

educação. Os “Excerpts” oriundos de discursos e matérias jornalísticas atribuídas a esses personagens testificam, se não a vinculação/filiação dos dirigentes às ideias desses personagens, ao menos uma sinergia, uma identidade, uma inclinação e uma predisposição em promover esse tipo de discurso, o que deveria fugir dos objetivos da publicação, antes dedicada a difundir, propagar e a popularizar o que de mais moderno existia em termos de ideias, projetos e experiências educacionais no Brasil e no mundo. Além do mais, tinha sido um veículo em que Cecília Meireles externava o seu posicionamento em favor do pacifismo, da fraternidade universal, da concórdia e do intercâmbio entre os povos, a ser conquistado a partir da educação e da escola, diálogos em que figuraram intelectuais como Alfonso Reyes, Adolphe Ferrière, Maria Montessori, Gandhi e tantos outros.

Em sua crônica “Despedida”, Cecília afirmara que desejava que os seus sucessores dessem continuidade ao trabalho que iniciara e que tivessem “a inteligência de que os homens necessitam para fazerem a sua grandeza” mesmo “nos campos mais adversos” e “sob os céus mais perigosos...” (MEIRELES, 12/01/1933). Eram realmente tempos de adversidades e incertezas, do nascimento, fortalecimento e da ascensão dos regimes autocráticos europeus, tendo à frente líderes como Hitler Mussolini, Franco e Salazar. De acordo com Hobsbawm (1995),

Sem o triunfo de Hitler na Alemanha no início de 1933, o fascismo não teria se tornado um movimento geral. Na verdade, todos os movimentos fascistas com algum peso fora da Itália foram fundados após sua chegada ao poder (...). Além disso, sem a posição internacional da Alemanha como potência mundial bem-sucedida e em ascensão, o fascismo não teria o impacto sério fora da Europa, nem teriam os governantes reacionários não fascistas se dado o trabalho posando de simpatizantes fascistas, como quando Salazar de Portugal alegou, em 1940, que ele e Hitler estavam “ligados mesma pela ideologia” (HOBSBAWM, 1995, p. 120).

A disseminação dessa narrativa alcançou e fez prosélitos também no Brasil, como por exemplo, Plínio Salgado,¹⁹ que conciliou as influências do fascismo europeu, do pensamento de Farias Brito, Alberto Torres, Oliveira Vianna e do mexicano José Vasconcelos com a presença da religiosidade cristã “contida na *Encíclica Rerum Novarum*, redigida pelo papa Leão XIII em 1891 (...), em defesa à família e combate ao materialismo, representado pelo liberalismo e pelo socialismo” (CAZETTA, 2011, p. 14).

¹⁹ Plínio Salgado foi líder da “Ação Integralista Brasileira”, que “o principal movimento fascista da América Latina” e teve 200 mil membros, com organização semelhante às milícias fascistas de Mussolini. Como membro da SAAT, pretendeu transformá-la em uma organização integralista, mas foi impedido pelos demais e a sociedade continuou a existir como “organização não-partidária (o que não quer dizer que não tivesse objetivos e engajamento político, muito pelo contrário)” (PINHO, 2007, p. 107).

A imprensa tornava-se um veículo de disseminação desse misto de concepções, e não seria diferente com a “Página de Educação”, uma vez que os intelectuais que estavam na direção também recebiam essas influências e colaboravam para a disseminação das mesmas, pois, como afirma Chartier (1990),

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (...). As lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para apreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, uma concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 2002, p. 26).

Além da apologia de Alberto Torres, como mencionado antes, outras influências estão em pauta e definem o que vai ser difundido, a depender da convergência das expectativas, das ideias e dos interesses de quem organiza a seção. Dos líderes europeus presentes na coluna “Excerptos”, por exemplo, Adolf Hitler tem o maior número de fragmentos veiculados (16 ocorrências), seguido por António Salazar e Benito Mussolini. São trechos de textos e discursos e, portanto, nelas não estão explicitados todo o teor, convicções, propósitos e expectativas dos seus autores, mas é possível depreender deles o caráter autocrático e centralizador, como o de Mussolini em mensagem dirigida aos Fascios, quando exortava-os ao “sentimento unitário e afirmação soberana do Estado, e, sobretudo, concepção da vida baseada no dever, na disciplina e no combate” (MUSSOLINI, 28/03/1933, p. 6). Salazar, por sua vez, em entrevista a António Ferro, afirmava que “a nossa Ditadura aproxima-se, evidentemente, da ditadura fascista no reforço da autoridade, na guerra declarada a certos princípios da democracia, no seu caráter acentuadamente nacionalista, nas suas preocupações de ordem social” (SALAZAR, 15/02/1933, p. 6). No Quadro 1, são trazidas as datas, os autores e os títulos dessas contribuições. Que propósitos haveria em difundir tais concepções numa página dedicada à educação?

Quadro 1 - Textos de líderes totalitários europeus publicados na “Página de Educação”.

Data	Autor	Título
04 fevereiro	Adolf Hitler	“A obra das antigas gerações”
15 fevereiro	António de Oliveira Salazar	“A ditadura portuguesa e o fascismo”
25 fevereiro	Adolf Hitler	“A milícia e os trabalhos obrigatórios”
19 março	António de Oliveira Salazar	“A doutrina da violência”
21 março	António de Oliveira Salazar	“O panorama da realidade atual”
24 março	Adolf Hitler	“O panorama alemão”
28 março	Benito Mussolini	“Os pilares da revolução fascista”
11 maio	Adolf Hitler	“A Alemanha atual”
12 maio	Adolf Hitler	“O passado e o presente da Alemanha”
21 maio	Adolf Hitler	“A Alemanha em face do Tratado de Versalhes”

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
 do *Diário de Notícias* (1933)

30 maio	Adolf Hitler	“A liberdade e os direitos da Alemanha”
01 junho	António de Oliveira Salazar	“Homens de governo”
07 junho	António de Oliveira Salazar	“O sentido da reconstrução de Portugal”
13 junho	Benito Mussolini	“O pacto quádruplo”
21 junho	Adolf Hitler	“A unidade alemã”
13 agosto	Benito Mussolini	“A inutilidade das conferências internacionais”

Fonte: “Página de Educação”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*. 02 de fevereiro a 04 de outubro de 1933.

Também foram publicados textos sobre esses líderes em ascensão. Eram contribuições de autores estrangeiros e nacionais, e a tônica era variável: tanto podia ser de crítica como de simpatia e/ou de respaldo, vigorando, quase sempre, o assentimento em relação ao pensamento e às práticas desses personagens. São indícios mais que suficientes para acreditar que sim, havia uma predisposição, um propósito definido na divulgação desses textos e de seus autores.

Encontram-se tipos muito diversificados de relação entre intelectuais e regime. Alguns se comportam como ideólogos do autoritarismo, ocupam funções no estado, (...). Outros se contentam em aventurar-se por conta própria em busca do Brasil autêntico, lutar para impor temas nacionais, (...) e havendo a oportunidade, apresentar sugestões e pedidos ao governo e seu círculo. Outros, porém, engajam-se resolutamente nas associações, movimentos e ligas que proliferaram após 1930 (PÉCAUT, 1990, p. 74-75).

Os autores, os títulos e os assuntos dos trabalhos selecionados para compor a coluna “Excerptos” dizem bastante sobre a orientação ideológica hegemônica dos articulistas da “Página”. São publicados excertos de Getúlio Vargas e outros intelectuais favoráveis aos caminhos definidos pelo presidente brasileiro. A presença de tais textos e autores em um espaço dedicado à educação entra em rota de colisão com o que Cecília Meireles defendeu, como por exemplo, no Comentário “Fascismo e Educação”, em que a educadora foi enfática em manifestar o seu descontentamento, a sua perplexidade e a sua indignação ante a exoneração de um professor italiano por ter se “negado a prestar o juramento fascista imposto” por decreto. Ela afirmava que um professor não poderia ser “submetido à opressão de um juramento expresso ou tácito”. Diante desse fato, a escola se tornaria “o instrumento de um credo político, social ou religioso, formando servidores resignados desse credo, ao invés de criaturas humanas, destinadas a conhecer a vida e a escolher a sua justa situação dentro dela” (MEIRELES, 27/01/1932). Em muitas outras oportunidades, como em “Mussolini e a paz”, Cecília foi veemente em rebater as ideias do político italiano, afinal, “o fascismo não acredita na possibilidade ou utilidade da paz perpétua, e põe de lado o pacifismo, que implica na renúncia à luta” (MEIRELES, 06/08/1932). A educadora contrapõe as alegações de Mussolini, reafirmando as

recomendações da revista de educação *Pour l'ère nouvelle*,²⁰ em matéria dedicada à fraternidade universal, e conclui: “Até as crianças escrevem isso. Mas o sr. Benito Mussolini pensa de outro modo” (MEIRELES, 30/08/1932). Para Meireles, como para a grande maioria dos educadores pacifistas de então,

[...] a paz é uma finalidade a que devem tender todos os trabalhos humanos. Não é a solução de um momento, mas efeito da própria vida. A obra que preparam guarda essa aspiração grandiosa de chegar a ser um entendimento geral da humanidade (MEIRELES, 30/08/1932).

Nos “Excerpts”, podemos encontrar trechos de lideranças eclesiásticas sobre assuntos caros ao catolicismo, notícias de ações e solenidades etc., outra clara demonstração das vinculações ideológicas dos responsáveis. Conforme pontua Strang (2018), a Igreja enfatizava a união “entre a fé católica e a pátria brasileira”, sendo questão primordial a reconquista do poder e da influência sobre o Estado brasileiro. Dessa forma, “os católicos procuraram cumprir essa orientação eclesiástica e, para isso, teriam que demarcar as fronteiras entre a concepção católica e a concepção dos renovadores acerca da reestruturação do sistema escolar, que ambos pleiteavam” (STRANG, 2018, p. 359). Portanto, a estratégia de difusão e convencimento do professorado e da opinião pública era tão ou mais importante para os católicos quanto para os renovadores, sob a batuta de Cecília Meireles. “Quanto mais convincentes fossem seus discursos, quanto mais adeptos conseguissem arrebanhar, maior a possibilidade de exercer o controle e legitimar seus ideais”. (STRANG, 2018, p. 359).

A SAAT continuou a publicar textos, como o de 21 de outubro, por exemplo, “A propaganda por excelência de trabalhos rurais”, com membros da SAAT em caravana para a cidade de Piracicaba, em São Paulo, para uma visita técnica à instituição educacional daquela localidade. Ao lado da educação rural, foram trazidas questões sobre erradicação do analfabetismo, ensino doméstico, ensino de agricultura, ensino regional, educação sexual, educação para a paz/paz pela escola, ensino militar, religioso e, inclusive, matérias alusivas ao combate à saúva e combate à seca, sempre tendo algum suporte ideológico dos seus associados. Se já era exígua a presença de textos de personalidades de destaque no movimento escolanovista, observa-se, agora, um arrefecimento cada vez maior, e as matérias vão se tornando quase que exclusivamente confeccionadas pelos administradores do espaço.

²⁰ “Para a difusão dessas ideias de paz e de transformação do mundo pela educação das crianças, nasceu a revista *Pour L'Ère Nouvelle*, trazendo em seu primeiro número um manifesto proposto por Ferrière. Outras revistas foram, posteriormente, organizadas: *The New Era* e *Das Werdende Zeitalter*, com o objetivo de complementar a difusão de ideias e de arregimentar educadores e simpatizantes comprometidos no movimento de renovação da educação e da escola ao redor do mundo”. Ver: PIMENTA, 2018. p. 83-96.

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

Verifica-se o predomínio de propagandas de diferentes produtos, desde remédios até lojas de calçados e alfaiataria, e ainda uma profusão de anúncios de instituições escolares, cursos e agremiações, muitos dos quais tomando parte extensa do espaço disponível às matérias. Mais à frente, até mesmo essas notícias desaparecem. Ao lado das propagandas, que claramente custeavam a publicação, vamos encontrar avisos fúnebres, notícias de política e de polícia, que ajudavam a compor e preencher os espaços em que decrescia o conteúdo educacional, antigo alicerce da seção. Evidenciam-se a perda de profundidade dos temas debatidos e das personalidades que foram prometidas para a continuidade do debate educacional. A decadência dos assuntos tratados é francamente visível e segue, claudicante, até desaparecer, em 4 de outubro do mesmo ano.

Considerações Finais

A “Página de Educação” encontrou, em sua segunda fase, um período em que prevaleceu a difusão de um ideário que contrastava e divergia do que foi proposto e implementado por Cecília Meireles, sua idealizadora e dirigente. Com o passar dos meses, outros aspectos puderam ser observados: o debate educacional, amplo e diversificado, foi substituído por matérias elogiosas ao ensino religioso, à religião católica, às ideias totalitárias europeias, à educação militar, à educação rural e à educação doméstica, o que demonstra que os responsáveis veiculavam, preferencialmente, um pensamento educacional e político dogmático, doutrinário e autoritário, que se afastava cada vez mais dos propósitos e pressupostos em que a página estava ancorada inicialmente.

Como foi possível perceber, a maior parte dos discursos e matérias publicadas teve como intento enaltecer a figura e as obras de Alberto Torres, como se dispusessem de todos os esclarecimentos para a salvação da nação brasileira, elevando-as a patamares de excelência e desenvolvimento que nenhum outro intelectual ou político vislumbrara legar ao país. Ou seja, não se tratava de oferecer aos leitores novas perspectivas de e sobre a educação em diferentes contextos e concepções, mas a afirmar, categoricamente, uma única via de orientação para o entendimento e a implementação de ações no universo educacional brasileiro. Identificamos a campanha realizada pela SAAT, no que se refere à difusão das ideias e ideais de Alberto Torres e, consequentemente, da própria organização, não apenas no *Diário de Notícias*, mas em outros jornais, como *Jornal do Comércio*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Folha do Povo*, *A Nota*, *Diário Carioca*, na *Revista de Ensino*, na *Revista Nacional de Educação* e n’*O Agricultor*, e, ainda, como a difusão dessas concepções fortaleceram a

criação de instituições de ensinos, cursos, compêndios didáticos, *clubs* agrícolas, exposições e conferências.

Outros intelectuais e lideranças políticas e religiosas passaram a frequentar as páginas da publicação, com discursos discrepantes quando equiparados aos que eram frequentes quando esta era dirigida por Cecília Meireles. Em lugar de Gandhi, Tolstói, Alfonso Reyes, Montessori e Ferrière, temos a eleição de extratos de textos de Hitler, Mussolini e Salazar. Há um enaltecimento dos fatos e propósitos desses personagens em detrimento das mensagens de pacifismo, não-violência e da necessária solidariedade entre os povos para abolição dos conflitos e das guerras.

Entretanto, esses percalços não foram suficientes para o esmorecimento da jornalista, poeta e educadora. Se desapareceram da “Página de Educação” os ideais de sua criadora, as aspirações de uma educação nova e para todos renasceram em outras iniciativas de Cecília Meireles, como a que promoveu no Centro de Cultura Infantil, localizado no Pavilhão Mourisco, no Distrito Federal, de 1934 a 1937. Esta foi a primeira biblioteca infantil pública brasileira, com especificidades e orientações pedagógicas ainda não realizadas em outras instituições do gênero, experiência que ensejou a criação de outras bibliotecas infantis em outras localidades brasileiras. A história continuou, os sonhos de uma educação igualitária, laica, pública e gratuita permaneceram e floresceram no pensamento e na ação de outros educadores, ainda que “sob os céus mais perigosos”, que tantas vezes surgiram na História do Brasil.

Referências

A NOVA fase da Página de Educação. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 13 de janeiro de 1933. p. 6.

A REFORMA da Instrução Municipal: como o Sr. Anísio a encara. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 21 de setembro de 1933.

ALMEIDA, M. O. **Louise Artus-Perrelet e o ensino do desenho**: uma proposta de educação estética para formação de professores no início do século XX. 2020. 416 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ALMEIDA, P. V. L. de. **Crônicas de Cecília Meireles**: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933). Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

AS INOVAÇÕES no Ensino Primário do Distrito Federal. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 30 de março de 1933.

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

AZEVEDO, F. de. A política do “rumo ao campo”. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 25 de agosto de 1933, p. 7.

_____. Povoar, unir, educar! Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 25 de agosto de 1933.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMARGO, A. de P. R. Organizar a nação, “missão de nossa geração”: concepção e política de população em Alberto Torres e Teixeira de Freitas. In: SENRA, Nelson de Castro (Org.).

Organizando a coordenação nacional: estatística, educação e ação pública na Era Vargas. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2014.

CASASANTA, Mario. A voz de Alberto Torres. Discurso do dr. Mario Casasanta na sessão de instalação do núcleo mineiro da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 11 de junho de 1933. p. 8.

CARVALHO, M. M. C. de. A Liga Internacional pela Educação Nova e o “movimento de reconstrução educacional” brasileiro. **Sarmiento, Revista Galego-Portuguesa de Historia da Educación**, La Coruña, Núm. 25 / 2021 / pp. 163-184.

CHARTIER, R. *A História Cultural*: Entre práticas e representações. Tradução de Manuela Galhardo. 2^a ed. Algés: Portugal, 2002.

DUARTE, R. H. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, vol. 11(1):33-56, jan.-abr. 2004.

FERNANDES, M. F. L. Alberto Torres: nacionalismo, imperialismo e o Brasil no século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011.

GILIOLI, R. de S. P. **Educação e cultura no rádio brasileiro**: concepções de rádio escola em Roquette-Pinto. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), 2008, p. 86.

HOBSBAWM, E. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL do Brasil. Rio de Janeiro, n. 182, 31 de julho de 1929, p. 14.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEMME, P. **Memórias de um educador**. 2 ed. Brasília: Inep, 2004. 5 v.

MARTINS, L. A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, 1987, pp. 65-87.

MEIRELES, C. A entrevista do capitão João Bley. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 30 de maio de 1931. p. 7.

_____. A formação do educador. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 16 de janeiro de 1931. p. 7.

_____. Despedida. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 12 de janeiro de 1933.

_____. Fascismo e educação. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 27 de janeiro de 1932.

_____. Mussolini e a paz, **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1932.

_____. Os educadores e a paz, **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1932.

MUSSOLINI, Benito. Os pilares da revolução fascista. Duce da Itália, na mensagem aos Fascios, no 14º aniversário de sua fundação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de março de 1933, p. 6.

NASCIMENTO, R. L. da S. **Entre o poético e o histórico**: interlocuções de Cecília Meireles com a educação brasileira. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. 2013.

PÁDUA, M. Os novos métodos pedagógicos – Lições da Professora Artus-Perrelet. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 19/22 de fevereiro; 04/07/15/19/23 e 28 de março; 02/06 e 09 de abril de 1933.

PARA assegurar a educação da infância: as providências adotadas pelo sr. Anísio Teixeira, diretor da Instrução Pública. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 22 de abril de 1933.

PIMENTA, J. S. **As duas margens do Atlântico**: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2008. 374 f.

_____. Educação para a paz: construir o mundo que se espera. **Educação, Sociedade & Culturas**. Porto, n. 53, 2018. p. 83-96. Disponível em: <<https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie>>. Acesso em 28 de junho de 2022.

_____. **Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem**. Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2001.

PINHO, S. O. C. de. **Alberto Torres**: uma obra, várias leituras. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

RANGEL, J. A. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 144 p.: il. – (Coleção Educadores).

ROBERTO, J. de C. **Ecos de uma voz feminina**: Cecília Meireles e a “Página de Educação” do Diário de Notícias no ano de 1932. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

SALAZAR, A. O. A ditadura portuguesa e o fascismo, por Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros de Portugal, numa das suas entrevistas ao Sr. António Ferro. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 15 de fevereiro de 1933. p. 6.

“Sob os céus mais perigosos”: a segunda fase da “Página de Educação”
do *Diário de Notícias* (1933)

SILVA, G. L. de S. **O pensamento educacional de Cecília Meireles**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017d.

SILVA, M. B. do N. **Cecília Meireles**: crônicas de arte, cultura e educação. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. 2008b.

SILVA, M. V. da. **As crônicas de Cecília Meireles**: um projeto estético e pedagógico. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, 2008a.

_____. **Escola Nova na Página de Educação (1930-1933)**: navegando nas palavras de Cecília Meireles no “Diário de Notícias”. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. 2015c.

SOCIEDADE dos Amigos de Alberto Torres – Curso para Professores de Escolas Regionais. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 13 de abril de 1933.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. (atualizada) - Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, A. V. de. **Análise retórica do discurso político-educacional de Cecília Meireles**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). 2014b.

SOUZA, E. L. L. de. **Os sentidos de educação nas crônicas de Cecília Meireles a partir dos conceitos de tema e significação**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, 2013a.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. B. História, memória e história da educação. In:

_____. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. vol. III: século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 416 a 430.

STRANG, B. de L. S. Ensino, Reformas e Política nas Crônicas de Educação de Cecilia Meireles (1930-1933). **Rev. Ens. Educ. Cienc. Human.**, Londrina, v. 19, n.3, p. 353-362, 2018.

_____. **Sob o signo da reconstrução**: os ideais da Escola Nova divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 2003.

TEIXEIRA, A. A educação popular obrigatória. Diretor de Instrução. De uma conferência lida no Rotary Club. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 24 de maio de 1933. p. 6.

VELLOSO, M. P. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**, Paraná, v. 1, p. 1, 1997.

VIVACQUA, Attilio. A concepção educacional de Alberto Torres. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 22 de janeiro de 1933.

_____. A nova educação no Espírito Santo. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 15/16/20/21/22 de agosto de 1930.

_____. Escola Nova. Rio de Janeiro, **Diário de Notícias**, 02 de fevereiro de 1933.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença
Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 27/07/2022

Aprovado em: 20/03/2023